

MARIA TERESA TAQUECHEL Y SAIZ
JOANA RIBEIRO DA SILVA TAVARES

A GÊNESE DA PULSAR CIA. DE DANÇA NO RIO DE JANEIRO: POR UMA DANÇA NÃO EXCLUDENTE

Resumo

>

Este artigo aborda a criação da Pulsar Cia. de Dança em 2000, no Rio de Janeiro, a partir da formação na Escola Angel Vianna, através da “conscientização do movimento” apreendida pela via da Metodologia Angel Vianna. O ensino do Contato Improvisação por Bruce Curtis, dançarino tetraplégico, e a introdução da dança no processo de reabilitação da Rede SARAH de Hospitais também contribuíram para a criação da Pulsar Cia. de Dança.

Palavras-chave:

Dança. Não exclusão. Corpos ímpares.

A GÊNESE DA PULSAR CIA. DE DANÇA NO RIO DE JANEIRO: POR UMA DANÇA NÃO EXCLUDENTE¹

MARIA TERESA TAQUECHEL y Saiz²

JOANA RIBEIRO DA SILVA TAVARES³

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

² Mestre em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Formada em Dança Contemporânea, Recuperação Motora e Terapia Através da Dança (1991) na Escola e Faculdade Angel Vianna, onde coordena a Pós Graduação Corpo, Educação e Diferenças. Diretora da Pulsar Cia. de Dança (2000-). ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-3415-416X>. Email: teresataquechel@yahoo.com.br

³ Doutora em Teatro pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Professora Adjunta e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Coordenadora do Laboratório Artes do Movimento. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5608-4731>. Email: joana.tavares@unirio.br

Este artigo aborda a criação da Pulsar Cia. de Dança em 2000, no Rio de Janeiro, a partir da formação na Escola Angel Vianna, através da “conscientização do movimento” apreendida pela via da Metodologia Angel Vianna. O ensino do Contato Improvisação por Bruce Curtis, dançarino tetraplégico, e a introdução da dança no processo de reabilitação da Rede SARAH de Hospitais também contribuíram para a criação da Pulsar Cia. de Dança.

Introdução

A minha formação em Dança e Recuperação motora e Terapia através da Dança deu-se entre 1988 e 1991, na Escola Angel Vianna⁴, no Rio de Janeiro, espaço dedicado ao estudo da prática da conscientização do movimento. A prática corporal da conscientização do movimento é denominada, nos dias de hoje, como Metodologia Angel Vianna (MAV)⁵. Foi através dela que percebi e vivenciei a materialidade do meu corpo, trabalhei com ele e por meio dele, reconhecendo meus limites, minha diferença e, conseqüentemente, minha potência. “O corpo só sente quando ele percebe. É interessante o corpo. O corpo é a vida toda sua, o tempo que você tem para poder criar, organizar, sentir, perceber, estar pronto.” (VIANNA, 2019, n.p.).

Em 1992, conheci a bailarina, cadeirante, pesquisadora do movimento e jornalista Beth Caetano (1960-2018). Esse encontro marcaria profundamente a minha trajetória como educadora, artista e pesquisadora e influenciaria uma geração de bailarinos da Escola Angel Vianna, ao abrir novos caminhos para a dança *com e na* diferença. Beth Caetano estudou com professoras como Tatiana Leskova e Angel Vianna e sua formação incluía a dança clássica e o *jazz*. Em 1982, após um acidente de carro, sofreu uma lesão medular⁶ que a deixou tetraplégica. O sociólogo, dançarino e pesquisador do movimento Bruce Curtis⁷ explica como uma lesão da medula espinhal (LM) afeta a maioria dos corpos:

Lesionar a medula espinhal nas costas ou na cintura pode resultar em paraplegia, sem controle muscular na cintura ou nas pernas, mas com o uso normal dos braços e mãos. Uma lesão no pescoço pode resultar em tetraplegia. A maioria dos tetraplégicos não consegue mover nenhum músculo abaixo do nível médio do peito. Os

músculos do ombro, bíceps e punho costumam ser inafetados, com tríceps fracos e músculos dos dedos não funcionais. Naqueles músculos afetados pela LM, às vezes um movimento cria um espasmo que pode fazer com que uma perna ou todo o corpo trema ou fique rígido momentaneamente. A respiração é feita através do diafragma, sendo cada respiração superficial. Geralmente, não há sensação na superfície da pele abaixo do nível médio do tórax, então é possível cortar ou machucar essa área sem saber que isso aconteceu. O grau de função de cada pessoa varia, dependendo da gravidade da lesão original, do tônus de seu corpo antes e depois da lesão e da disposição da pessoa de fazer experiências com seu corpo e ambiente (CURTIS, 1988, p. 156, tradução nossa).

Após o ocorrido, Beth Caetano precisou interromper suas atividades, porém, em 1990, retomou seu trabalho com a dança na Universidade da Califórnia, em Berkeley, ao participar do curso de Contato Improvisação com Bruce Curtis, também tetraplégico. O Contato Improvisação (referido a partir daqui apenas como CI) tem como fundamento o movimento que surge do prazer de mover-se com o outro de forma espontânea e desprovido de interpretações. Estrutura-se na improvisação quando duas ou mais pessoas entregam entre si os próprios pesos ou os contrapesos e se movem a partir desse contato. O corpo e suas diversidades são o foco de interesse, proporcionando a participação das pessoas em um grupo não excludente, em que todos os tipos de corpos podem dançar.

O meu primeiro encontro com Beth Caetano⁸ aconteceu em 1992, durante algumas oficinas de CI realizadas no Rio de Janeiro, quando ela convidou Bruce Curtis⁹ para ministrar aulas no Studio Casa de Pedra. Devido ao grande sucesso e interesse despertado, a oficina foi realizada também na Escola Angel Vianna. O encontro entre Bruce Curtis e Angel Vianna

⁴ Sobre a trajetória da Escola Angel Vianna ver Tavares (2009).

⁵ Sobre a MAV ver: <https://www.angelvianna.com.br/mav>. Acesso em: 26 de fev. 2023.

⁶ Lesado medular é alguém que tenha sofrido qualquer forma de agressão à medula espinhal, que pode afetar o movimento e/ou a sensação do corpo, em diferentes graus de acordo com a altura da lesão, além de comprometer o funcionamento de alguns órgãos internos.

⁷ Bruce Curtis é sociólogo, dançarino e pesquisador do movimento. Trabalhou no World Institute on Disability – USA.

⁸ Ver Bruce Curtis e Beth Caetano no vídeo *The Stone House Dance*, fotografia/edição/direção de Gustavo Bicalho, criação de Bruce Curtis, Rio de Janeiro/Casa de Pedra, fev. de 1992. Disponível em: <https://bit.ly/TheStoneHouseDance> Acesso em: 26 de fev. 2023.

⁹ Bruce Curtis se encontrava no Rio a convite do Encontro Ibero Americano de Portadores de Deficiência – DEF’Rio 92.

foi descrito por Elizabeth Tavares Maia¹⁰ (2022):

[...] Enquanto Bruce nos mostrava os rolamentos do Contato, Angel nos explicava que aquela qualidade do movimento – o tremor – era uma resposta involuntária do organismo do Bruce – seu sistema nervoso respondia, daquela forma, aos estímulos que vinham do ambiente. [...] Já trabalhávamos improvisação na Escola Angel Vianna, e de certa forma o Contato também, mas não ainda com os comandos específicos do CI. (MAIA, 2022, p. 197-198.).

A oficina ministrada por Bruce Curtis e pelos bailarinos Ricardo Morrison e Lori Bloustein, no Studio Casa de Pedra, foi intensa e teve duração de três dias, com carga horária de quatro horas por dia. Participaram Beth Caetano e outras pessoas com deficiência que haviam estado no DEF²Rio 92¹¹, além de vários alunos, ex-alunos e professores da Escola Angel Vianna.

Bruce Curtis dizia, durante as oficinas, que cada um era responsável por si, mas que o movimento acontecia através dos dois, nos dois. Esse comentário ecoou fortemente em mim. Eu não imaginava que um professor de CI pudesse ser tetraplégico. Isso na verdade, não foi uma surpresa: simplesmente era assim. Em suas aulas Bruce Curtis era extremamente didático e claro em cada proposta, em cada ensinamento. Falava de modo direto, porém, sem assumir uma postura distante ou fria; pelo contrário, ensinava dançando e se movendo conosco.

A maioria dos participantes era composta por alunos egressos ou professores formados pela Escola Angel Vianna. Estávamos tendo a oportunidade de aprender uma técnica que conversava diretamente com os conteúdos da nossa formação em dança. O CI se dá pelo tocar da pele, nosso invólucro e matéria prima do aprendizado na Escola Angel Vianna. A pele e o contato constituíram-se como fatores primordiais para desenvolver o sentir do movimento nas aulas de Angel Vianna, conforme ressalta a professora e pesquisadora Letícia Teixeira

(2000):

Em suas aulas, a consciência proprioceptiva é captada na sensação do entorno, ao sentirmos toda a pele como um invólucro. É como se cada aluno demarcasse o seu contorno no chão, até poder desenvolver a capacidade de sentir o ar, a roupa, o couro cabeludo, as unhas, cicatrizes, espinhas, dobras e camadas sobrepostas – chão, tapete, roupa, pele, roupa, tapete, chão. Essa superposição de tecidos, de malhas, é percebida, internamente através da pele, da fásia, da musculatura, do osso (TEIXEIRA, 2000, p. 258-259).

A vivência com Bruce Curtis ia ao encontro do pensamento e das ações da Escola Angel Vianna na relação com as diferenças. A oficina de CI foi, portanto, uma oportunidade para experimentar, em outro contexto, o que havíamos apreendido nessa escola. O modo como o CI foi apresentado e vivenciado durante essa oficina possibilitou o surgimento de um espaço novo de convivência e de criação, *com e na* diferença. O prazer e a alegria de todos eram muito evidentes e contagiantes e, assim, um imenso universo, fluido de possibilidades e diversidade de corpos que se moviam e dançavam, se abriu para os participantes.

Sobre a Dança e a Rede Sarah de Hospitais de Reabilitação: novos campos de atuação da Metodologia Angel Vianna (MAV)

Em 1992, a bailarina, professora e pesquisadora do movimento Elizabeth Tavares Maia estava recém-formada em Dança e Reabilitação Motora e Terapia através da Dança¹² pelo Centro de Estudos do Movimento e Artes – Espaço Novo, atual Escola Angel Vianna – e teve contato com Bruce Curtis nas aulas de CI, que ele viera ministrar no Brasil.

Em 1993, Elizabeth Maia levou a dança para a Rede Sarah do Hospital do Aparelho Locomotor¹³, assim denominado à época. Ela nos conta sobre esse encontro:

¹⁰ Elizabeth Tavares Maia - Docente do Curso de Licenciatura em dança do Instituto Federal de Brasília – IFB. Implementou a dança no processo de reabilitação hospitalar na Rede Sarah de Hospitais (1993).

¹¹ Apresentação com Rosângela Bernabé e Renata Carvalho disponível em: <https://bit.ly/DEF-RIO1992>. Acesso em: 26 de fev. 2023.

¹² Ver em: <https://www.angelvianna.com.br/tecnico-reeducacao-motora>. Acesso em: 27 de fev. 2023.

Quando conheci Bruce Curtis, a minha curiosidade mais forte foi por saber como tudo o que eu havia descoberto a respeito do meu movimento, durante a minha formação na Escola Angel Vianna, seria percebido pelo Bruce, porque ele não sentia o corpo dele como a maior parte das pessoas sente, e também não se movia como a maioria das pessoas se move. [...] Daquele momento em diante, eu e Bruce começamos a nos encontrar para dançar, pesquisar juntos os nossos movimentos... gravamos tudo em fita VHS (MAIA, 2019, n.p.).



Figura 1 - Elizabeth Maia e Bruce Curtis em apresentação no Hospital da Rede Sarah Brasília (1993)¹⁴. Foto: Lucélio Fernandes.

Logo após a sua formação, Elizabeth Maia se mudou para Brasília e levou os vídeos com as pesquisas de movimento que havia feito com Bruce, das quais também participei¹⁵. Ela estava determinada a levar para Brasília a dança e tudo o que seu corpo havia aprendido na Escola Angel Vianna. Com essa certeza, conseguiu que sua pesquisa, registrada em fita VHS, fosse vista pela diretoria da Rede Sarah, que se mostrou interessada pelo trabalho. Elizabeth Maia falou da sua formação na Escola Angel Vianna e que acreditava que esse trabalho poderia fazer parte do processo de reabilitação dos pacientes daquela instituição.

Assim foi feito, e a dança, em 1993, teve os seus primeiros registros nos prontuários da Rede Sarah de Hospitais do Aparelho Locomo-

tor, trabalho denominado por Elizabeth Maia como Percepção Corporal e Pesquisa de Movimento. De acordo com o informativo interno do hospital:

Foi que nem água escorrendo e espalhando-se por todo o hospital. É com essa comparação que a professora de dança Elizabeth Maia tenta explicar o aumento do interesse que o trabalho desenvolvido por ela despertou no Sarah Brasília. [...]. O trabalho foi crescendo e se integrando aos vários setores do hospital. (REDE SARAH, 1994, p. 3).

Chegou uma hora que Elizabeth Maia não tinha mais como dar conta daquilo tudo sozinha. A demanda do trabalho foi tornando-se cada vez maior. A Rede Sarah decidiu incluir a dança no programa de reabilitação e expandir o trabalho para as demais unidades em outros estados do Brasil. Foi realizada uma seleção pública e foram escolhidas mais três professoras de dança. Elizabeth Maia passou de prestadora de serviço a efetiva. Das quatro contratadas, três haviam se formado na mesma turma da Escola Angel Vianna: Elizabeth Maia, eu e Márcia Abreu.

Outras três egressas da Escola Angel Vianna passaram no concurso, sendo que apenas Mariana Bulhões e Marta Peres chegaram a assumir o cargo, posteriormente. Um significativo e importante novo campo abriu-se a partir da formação em Dança e Recuperação motora e Terapia através da Dança na Escola Angel Vianna.

No período em que foi contratada para desenvolver o projeto piloto, sob a supervisão dos profissionais da psicologia, Elizabeth Maia gravou seus atendimentos e, com a equipe de filmagem do hospital, produziram o vídeo *Todo Corpo Dança*¹⁶, apresentado ao Dr. Campos da Paz, diretor e idealizador da Rede Sarah de Hospitais de Reabilitação. Ao se encontrar pessoalmente com Beth ele perguntou se havia

¹³ Atualmente denominada Rede SARA de Hospitais de Reabilitação. Em 1960 inaugurou-se o Centro de Reabilitação Sarah Kubitschek com o objetivo de dotar Brasília de um moderno centro de reabilitação. Disponível em: <https://www.sarah.br/a-rede-SARAH/nossos-principios/>. Acesso em: 27 de fev. 2023.

¹⁴ Vídeo da apresentação disponível em: <https://youtu.be/OAwcACYBwPk>. Acesso em: 26 de fev. 2023.

¹⁵ Vídeo da pesquisa de movimento de Elizabeth Maia e Bruce Curtis com a participação de Maria Teresa Taquechel disponível em: <https://youtu.be/mSNpaaiLYmc>. Acesso em: 28 de fev. 2023.

mais pessoas como ela para fazer esse trabalho, ao que ela respondeu: “Sim! Tem uma escola inteira” (MAIA, 2019, n.p.).

Após o encontro, iniciou-se a organização do concurso para esse novo campo do hospital: a dança através da conscientização do movimento segundo a Metodologia Angel Vianna (MAV) no processo de reabilitação dos pacientes. Entretanto, estava claro que essa função não poderia ser ocupada por qualquer profissional de dança. Para tanto, Elizabeth Maia participou da organização do concurso seletivo, cujo público-alvo se afinava com o perfil dos profissionais egressos da Escola Angel Vianna.

O edital demandava uma formação específica para realizar o projeto piloto proposto por Elizabeth Maia, baseado no seu aprendizado na Escola Angel Vianna e nas experiências vividas com Bruce Curtis. De acordo com Elizabeth Maia, o prazer do movimento deve ser readquirido. “As sensações que cada um tem podem trazer a redescoberta do movimento, ainda que cada um tenha a sua própria maneira.” (REDE SARAH, 1994).

Em 1994, iniciamos em Brasília o primeiro programa de treinamento da Rede Sarah de Hospitais de Reabilitação para professores de dança. Antes de assumirmos o cargo, contamos com diversas aulas teóricas: neuroanatomia, patologia do aparelho locomotor, psicologia de desenvolvimento e da reabilitação, entre outras. Foram promovidas a integração e apresentação à estrutura da instituição, além do contato com os programas de lesado medular¹⁷ e lesado cerebral¹⁸ adulto e infantil, de ortopedia adulto e infantil, nas enfermarias de cada programa, assim como nos ginásios, os quais recebiam os pacientes que não eram internos no hospital para os tratamentos de reabilitação.

Foi um grande aprendizado, não só relacionado ao conhecimento adquirido em relação às inúmeras patologias do aparelho locomotor e às questões específicas de cada uma delas, mas também na relação humana, por meio da troca

com cada paciente e com os diversos profissionais envolvidos nos atendimentos. Trabalhávamos em uma equipe multidisciplinar, com profissionais que, normalmente, não faziam parte da equipe de um hospital, como psicólogos, pedagogos, professores de artes e educação física, além de enfermeiros, médicos, fisioterapeutas e fonoaudiólogos; havia ainda os profissionais envolvidos na manutenção, no funcionamento, no registro e na divulgação do hospital.

Vale ressaltar como nós, “as bailarinas”, como muitas vezes éramos chamadas, nos vimos requisitadas para resolver e compartilhar as mais diversas situações, muitas vezes complexas. A equipe de psicólogos trabalhava bem próxima de nós e, sempre que necessário, nos requisitava quando percebia que não conseguia estabelecer uma comunicação verbal com o paciente. Nesses casos, fazíamos a ponte de acesso. Iniciávamos pelo micromovimento possível naquele momento, despertando sensações, lembranças, mobilizando as estruturas de dentro para fora pelo movimento articular das dobras, ganhando espaços internos, proprioceptivos e, aos poucos, íamos conduzindo os pacientes à percepção e à apropriação de si.

Realizei muitos atendimentos individuais e aulas em grupo, os quais trazem lembranças que despertam sensações muito vivas, inscritas e presentes em mim. Há extenso material a ser pesquisado neste campo de cruzamento entre arte e clínica na Rede Sarah, que ultrapassa o escopo deste artigo. Importante frisar que algumas pesquisas vêm sendo feitas nesse sentido, tais como: Peres (2000), Maia (2012; 2019) e Resende (2008).

A minha permanência no Sarah Brasília se deu no período de 1994 a 1995, pouco mais de um ano. Por motivos pessoais, não pude continuar e precisei retornar ao Rio de Janeiro. Foi uma permanência curta, porém muito intensa, e reverbera em mim até os dias de hoje.

O importante, aqui, é contextualizar a minha experiência no Hospital Sarah Brasília

¹⁶ TODO CORPO DANÇA. Disponível em: <https://youtu.be/ypA2nLUlaBI>. Acesso em: 26 de fev. 2021.

¹⁷ Cf. nota 6.

¹⁸ Lesado cerebral é aquele que sofreu uma lesão no cérebro em desenvolvimento na gestação, no nascimento ou até dois anos de idade, chamada de paralisia cerebral (PC), ou, quando adulto, por um acidente cardiovascular (AVC) ou um traumatismo craniano (TCE).

lia como fator primordial para o meu trabalho como pesquisadora, bailarina, coreógrafa e diretora da Pulsar Cia. de Dança. Não somente a experiência prática, como também o conhecimento técnico-científico contribuíram para desmistificar questões específicas referentes às patologias do aparelho locomotor, possibilitando-me uma maior competência para trabalhar com cada pessoa sem medos ou resistência, com determinação e delicadeza. A experiência na Rede Sarah abriu espaço de criação para o trabalho artístico com o “ser”, em sentido amplo, ao não se atentar apenas à questão da deficiência.

Aprendi, durante a minha formação na Escola Angel Vianna, a integrar o pensamento intuitivo, o conhecimento empírico e o estudo científico. Um modo de pensar alimenta o outro, ampliando o horizonte para o novo, para a criação que se dá na singularidade de cada sujeito.

Márcia Abreu é responsável por dar continuidade ao trabalho da dança no processo de reabilitação dos pacientes, implantado por Elizabeth Maia em 1993. Atualmente, Márcia Abreu, da primeira seleção, e Alexandre Franco, que ingressou na seleção de 2008, ambos formados pela Escola Angel Vianna, permanecem no Sarah Rio. Além deles, outros dois profissionais fazem parte da equipe de dança da Rede Sarah: Débora Araujo (Brasília) e Andréa Lopes (Salvador).

Da Rede Sarah à criação da Pulsar Cia. de Dança

Sem dúvida a minha permanência no Hospital Sarah Brasília trouxe-me uma experiência significativa das diversas formas de estar no mundo, de me mover e me relacionar através das diferenças.

O conhecimento adquirido a respeito de questões específicas que envolvem uma lesão medular, por exemplo, ajudou muito, principalmente para me sentir mais segura em lidar com as diferentes especificidades de cada deficiência e enxergar a pessoa como um indivíduo único. Isso facilita a proximidade e a empatia com o outro, tanto no processo de reabilitação quanto

no de construção de composições coreográficas.

Ao voltar para o Rio de Janeiro, em maio de 1995, após a minha permanência no Sarah Brasília, deparei-me com uma questão que mudou o que teria sido o percurso natural depois de ter me “especializado” no trabalho com pessoas com deficiência.

Logo que cheguei havia uma enorme e natural curiosidade de amigos ou profissionais da dança em relação ao trabalho que desenvolvi com a dança no hospital. Me surpreendi ao perceber uma supervalorização da minha pessoa por trabalhar com pessoas com deficiência, tanto de forma terapêutica quanto em coreografias. Confesso que isso me assustou, pois não me achava de maneira alguma especial pelo fato de lidar e trabalhar com a deficiência. Para mim, era simplesmente o resultado de minha formação: trabalhar com a dança na diferença de cada um. Eram muito claros o respeito e o cuidado que deveria ter com os limites e as possibilidades de cada pessoa.

Durante o percurso da minha formação na Escola Angel Vianna, vivenciei, nas minhas estruturas física, emocional e espiritual, as minhas diferenças, limites e qualidades. Recordo-me que, no início da formação, em 1988, conversando com Angel em sua sala (a qual chamávamos de “Toca da Angel”) ela disse: “Aqui é uma escola de vida. Tem muita gente que nasce, vive e morre e não sabe que viveu”. Essas palavras me tocaram fortemente e, assim, aprendi a ir buscando e sentindo a vida, que é estrutura, matéria, movimento, relação, uma troca com o mundo, *uma dança de par*. Elizabeth Maia conta algo similar vivenciado no seu percurso com Angel, sobre aprender a dançar em par com tudo o que a envolve: “o ar que sinto em minha pele enquanto danço, as pessoas, os espaços e as situações.” (MAIA, 2019, n.p.).

A partir dessa experiência percebi a importância de estarmos atentos a tudo que nos cerca, na tentativa de estarmos disponíveis para nós mesmos e para o outro, em constante transformação. Senti vontade de renunciar aos rótulos que nos aprisionam e nos engessam em formatos cômodos, mas que nos distanciam do risco de se estar vivo.

Esses pensamentos e sentimentos fize-

ram-me recuar. Passei a dedicar-me menos ao trabalho de reabilitação motora e coreográfico com pessoas com deficiência. E abri um espaço maior para o caminho que havia iniciado após a minha formação na Escola Angel Vianna como bailarina e coreógrafa sem, necessariamente, estar relacionado diretamente com a questão da deficiência.

Movida pelo desejo de seguir adiante com a dança e a arte sem rótulos, criei, em 1995, com o bailarino e coreógrafo Alexandre Franco, a Cia. Ra Tame Tanz, assumindo com ele a direção. Nesse mesmo ano, Alexandre Franco foi contemplado pelo Programa de Bolsas Rio-arte, da Secretaria de Cultura do Município do Rio de Janeiro com o projeto *Esculpir*. O espetáculo *Esculpir Mitos*, derivado das pesquisas do projeto, estreou em 1996, no Parque Lage, sob sua direção, concepção e coreografia. Participei como bailarina e preparadora corporal, além de assumir a codireção e a assistência de coreografia. Foi um grande aprendizado e um desafio realizar uma obra que contava com um elenco de 67 intérpretes, entre profissionais e estudantes da área de dança, teatro, circo, canto, artes plásticas e música. *Esculpir Mitos* estruturou-se tal qual uma exposição de movimento, entendendo-se que este acontece no corpo, nas cores, nos objetos combinados ao espaço, criando-se uma sensação de tempo contrastante ao tempo urbano (FRANCO, 1996).

Foi uma experiência muito importante, junto com Alexandre, levarmos à frente uma companhia de dança contemporânea que tinha uma pesquisa comprometida com o fazer artístico, tendo como referência a nossa formação na Escola Angel Vianna. Não poupamos esforços para realizarmos o desejo de produzir arte e transmiti-la em apresentações, na elaboração de projetos que viabilizassem uma produção de qualidade e compromissada, mesmo com os desafios de realizar um trabalho que buscava o reconhecimento através da dança e da arte sem

os recursos adequados.

A direção com Alexandre Franco, somada aos papéis de bailarina e assistente de coreografia, resultou em um processo de múltiplos e intensos aprendizados. Foram quase cinco anos de convivência, de muito trabalho e dedicação para criar, produzir e apresentar os espetáculos realizados nesse período. No final de 1999, desfizemos a parceria e a Cia. Ra Tame Tanz; continuei apenas como bailarina da nova companhia Alexandre Franco Dança Teatro.

Paralelamente ao trabalho com a Ra Tame Tanz, desenvolvi pesquisas e dei aulas para pessoas com e sem deficiência. Inclusive, no espetáculo *Esculpir Mitos*, uma das bailarinas convidadas foi Beth Caetano. Infelizmente, Beth Caetano não pôde participar da estreia e das apresentações desse espetáculo em âmbito nacional. Entretanto, a convite do *International Leadership Forum For Women With Disabilities* [Fórum Internacional de Liderança para Mulheres com Deficiências], Washington DC, em junho de 1997, apresentamos, eu, Alexandre Franco e Beth Caetano, uma versão compacta do espetáculo *Esculpir Mitos*, com o apoio do Programa Nacional à Cultura (PRONAC) do Ministério da Cultura. Foi uma experiência belíssima e inesquecível para todos nós.

A aproximação com Beth Caetano após o meu retorno do Hospital Sarah Brasília, em 1995, foi também, muito significativa e importante no processo de criação da Pulsar Cia. de Dança, em 2000, por Andréa Chiesorin¹⁹, Rogério Andreolli²⁰, Fernanda Rocha²¹ e por mim. O primeiro espetáculo da companhia, *Pulsar – Haploos e Diploos*²², estreou no Teatro Sérgio Porto, em dezembro de 2001.

Desde sua criação em 2000, a Pulsar Cia. de Dança integra o Núcleo Coreográfico da Escola Angel Vianna. Reflete em sua pesquisa coreográfica a multiplicidade do indivíduo e as possibilidades de produção artística entre *corpos ímpares com resoluções próprias de movimento*.

¹⁹ Andréa Chiesorin é bailarina e cofundadora da Pulsar Cia de Dança (2000), formada em dança pela Escola Angel Vianna, Docente da Pós Corpo, Educação e Diferenças da Faculdade Angel Vianna. Curadora e consultora do VSA/Artes Sem Barreiras/DefNet-Baila Comigo pelo Núcleo de Dança e Tecnologia Assistiva do CCo-RJ/Teatro Municipal Angel Vianna. Mestre PPFH/ UERJ.

²⁰ Rogério Andreolli é ator e primeiro bailarino profissional cadeirante tetraplégico do Rio de Janeiro, uma das referências para a criação de *Haploos*. A profissionalização de Rogério Andreolli como bailarino se deu no ano de 2002.

Ao buscar ampliar a percepção das diferenças, a Pulsar Cia. de Dança considera a diversidade dos corpos como fonte de outras possibilidades de movimento e dança. A expressão *corpos ímpares com resoluções próprias de movimento* foi desenvolvida a partir da necessidade de se buscar novas estruturas de escritas que revelassem a singularidade dos corpos com deficiência e suas diferenças ao se moverem, valorizando as suas qualidades específicas e evitando o uso da palavra deficiência, que carrega o estigma de menor valor e de inadequação às expectativas do corpo que dança.

Vale ressaltar a perseverança da Pulsar Cia. de Dança na busca por caminhos fora da arte segmentada²³, no cenário da dança contemporânea brasileira. Essa conquista se deu pela pesquisa artística que a companhia desenvolveu desde a sua criação e que se mantém ao longo de seu percurso. A Pulsar Cia. de Dança visa ampliar o diálogo e o questionamento em torno da arte que se produz hoje para pessoas com ou sem deficiências e procura contribuir com novas perspectivas para o olhar do cidadão em relação a outros, bem como dinamizar e desenvolver o olhar do espectador para o fruir estético que envolve a diferença. Desde o início de sua criação a Pulsar Cia. de Dança não promovia dança para os deficientes. Em nenhum momento trabalhamos com a nomenclatura “dança inclusiva”, pois acreditamos que ela contribui na direção da arte segmentada, a qual segrega ao invés de incluir a pessoa e/ou artista com deficiência. Para Anamaria Viana (2018):

Para além da etimologia, a meu ver, se eu proponho uma aula de “dança inclusiva” significa que as outras que dou não o são. Significa também que “abro as portas” de um espaço para o “outro-não como os outros”. Mas de quem são esses espaços? (VIANA, 2018, p. 81).

Com o intuito de estimular o relacionamento e a troca entre artistas e público com

deficiência e sem deficiência a Pulsar Cia. de Dança elaborou projetos formativos em dança com foco em acessibilidade, tais como: “Projeto Dança e Teatro” (2020 - 2023); Projeto “Te Espero Lá no Cacilda” (2013 - 2023); “Aulas de Dança e Consciência do Movimento para pessoas com e sem deficiência” (2002 - 2004; 2007 - 2011; 2013 - 2023) no Teatro Cacilda Becker; “Festival Corpos Ímpares” (2009; 2012; 2015); Oficinas de Dança em diversas cidades do Brasil, no exterior e no Centro Coreográfico da Cidade do Rio de Janeiro (CCo-RJ)²⁴. Desde a sua fundação, em 2004, até 2020, o CCo-RJ acolheu a Pulsar Cia. de Dança como companhia residente. Projetado como um espaço de acessibilidade cultural, o CCo-RJ tem um papel fundamental na trajetória da companhia, dando suporte à sua pesquisa artística e promovendo a convivência com outras companhias de dança do Rio de Janeiro.

É na convivência que os estigmas e as dúvidas que envolvem a deficiência são minimizados ou desaparecem e novas relações acontecem, como observado no resultado das ações elencadas acima, em boa parte, desdobradas a partir de processos colaborativos. Em 2001, quando estreamos o primeiro espetáculo *Pulsar - Haploos e Diploos*, no Teatro Sérgio Porto, a dança com pessoas com deficiência ainda era vista como meramente terapêutica. A Pulsar Cia. de Dança buscava o reconhecimento de seu trabalho artístico acreditando que assim seria possível mudar o paradigma da arte/deficiência. O espetáculo era composto por dois atos, *Haploos e Diploos*, que tiveram como denominador comum uma linguagem própria, resultante do seu processo criativo.

Desde a sua fundação em 2000, a Pulsar Cia. de Dança construiu um repertório de sete obras coreográficas. São elas: *Pulsar - Haploos e Diploos* (2001); *Pulsar - Fragmentos* (2004); *O Corpo do outro - metáforas para aproximações* (2006); *Indefinidamente indivisível* (2009); *Por trás da cor dos olhos* (2012); *Telas vivas - Perfor-*

²¹ Fernanda Rocha foi bailarina, cadeirante, da Pulsar Cia. de Dança, desde a sua fundação até 2004.

²² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Zyu3F-sdMKc&t=1427s>. Acesso em: 21 de mar. 2023.

²³ “Arte Segmentada” – termo usado para referir-se à arte específica com e/ou para pessoas com deficiência, em eventos, festivais ou instituições voltadas para as questões que envolvem a deficiência.

²⁴ Ver em: <https://centrocoreografico.wordpress.com/>. Acesso em: 21 de mar. 2023.

mance (2015); *Nas vizinhanças de Renata* (2016). E as últimas criações: os filmes *Olhares Ímpares* (2021)²⁵ e *emConcretudes Primarias* (2022)²⁶. É importante notar que o conjunto dessas obras ainda não foi devidamente historiografado, ainda que algumas pesquisas tenham sido realizadas, como Matos (2012) e Taquechel y Saiz (2021); o que ultrapassa o âmbito deste artigo, mas poderá ser desenvolvido em escritas futuras.

A Pulsar Cia. de Dança completa 23 anos de existência em 2023, contemplando muitas realizações, fruto de dedicação, persistência e determinação que se faz em parcerias e ao longo de um processo. Não foi à toa que, ao voltar do Hospital Sarah Brasília, fiquei assustada com o título de “Professora de dança para deficientes”. O trabalho com Alexandre Franco foi árduo, fiquei totalmente imersa na dança e na arte. Eu precisava continuar a minha formação artística, dançar, realizar, fazer através de mim, da minha diferença para, assim, estar aberta e poder perceber e trabalhar com a diferença e o desejo do outro, e não com a deficiência.

Comecei tarde na dança. Antes da formação na Escola Angel Vianna, havia me formado em bacharel em Química (1983) na PUC-Rio. Foi uma formação difícil, centrada no estudo das ciências básicas: química, física e cálculo, principalmente. Dessa formação desenvolvi o encantamento pelas ciências básicas, o estudo das substâncias, das estruturas, das forças, dos vetores, do encontro com o invisível que se revela pelo conhecimento, pelo estudo, a pesquisa científica e, agora posso dizer, pelo sentir. Como diz Angel Vianna “nada é à toa” (2012, n.p.). Tudo se encaixa como em um jogo, um quebra-cabeça sem fim, no qual sempre cabe uma peça a mais. Ao refazermos os percursos, as peças vão aparecendo; algumas servem, outras ficam para depois; algumas nem sabemos, mas estão por lá, quem sabe um dia se encaixarão em um novo mosaico.

Considerações

Essas são peças do meu percurso na arte, na dança e no conhecimento. Que me fazem querer mais, realizar, conhecer, duvidar, não ter certezas, e que me movem para o desconhecido. Não tenho dúvidas de que cada um dos percursos descritos acima foi peça fundamental para a realização do primeiro espetáculo da Pulsar Cia. de Dança e da trajetória da companhia até os dias de hoje. Essa trajetória que só existe com o outro, com os percursos de cada um e suas peças, as quais trazem novos coloridos, gestos, desejos, intenções que se transformam na relação com todos que participaram do desafio da criação, de deixar-se levar e descobrir formas e meios de estar presente e dançar. A formação na Escola Angel Vianna foi a minha mola propulsora para a caminhada que abre espaço para as tentativas de descobrir o novo, se encantar com a surpresa da criação e o privilégio de poder ainda aprender com as palavras e ensinamentos de Angel, que ressoam inscritas na minha trajetória. Obrigada por tanto!

²⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LLh7-xKWi2g>. Acesso em: 22 de mar. 2023.

²⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IIGD6nT7E6s&t=13s>. Acesso em: 22 de mar. 2023.

REFERÊNCIAS

CURTIS, Bruce; PTASHEK, Alan. Exposed to Gravity. Contact Quaterly, 1988.

MAIA, Elizabeth Tavares. A dança como instrumento de intervenção neuropsicológica em crianças com encefalopatia crônica não progressiva: um estudo etológico não controlado. 2012. Dissertação (Mestrado) - Pós-Graduação em Ciências do Comportamento, Universidade de Brasília (UnB). Brasília, DF.

MAIA, Elizabeth Tavares. Os Olhos do Tempo Sobre Uma Dança Entre as Macas do Hospital. In: I Colóquio Latino-Americano de Antropologia da Dança, 2019, Florianópolis – SC. Anais. No prelo.

MAIA, Elizabeth Tavares. In: PIZARRO, Diego. Contato-Improvisação no Brasil: trajetórias, diálogos e práticas. Brasília, DF: Athalaia Gráfica e Editora, 2022.

MATOS, Lucia. Dança e diferenças: cartografia de múltiplos corpos. Salvador. EDUFBA, 2012.

PERES, Marta Simões. Dança e Ganho de Equilíbrio de Tronco em Portadores de Lesão Medular. Um estudo preliminar. 2000. Dissertação (Mestrado), Faculdade de Ciências da Saúde, Universidade de Brasília (UnB). Brasília, DF.

RESENDE, Catarina Mendes. Saúde e corpo em movimento: contribuições para uma formalização teórica e prática do método Angel Vianna de Conscientização do Movimento como um instrumento terapêutico. 2008. Dissertação (Mestrado). Pós-Graduação em Saúde Coletiva. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Rio de Janeiro, RJ.

TAQUECHEL Y SAIZ, Maria Teresa. CORPOS ÍMPARES-Processos de Criação

do Espetáculo “Pulsar-Haploos e Diploos”. 2021. Dissertação (Mestrado). Pós-Graduação em Artes Cênicas. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio). Rio de Janeiro, RJ.

TAVARES, Joana Ribeiro da Silva. Escola Angel Vianna – Uma Escola “Em Movimento”. O Percevejo Online. Rio de Janeiro, vol.2, no.1, 2009.

TEIXEIRA, P. Letícia. Angel Vianna: a construção de um corpo. In PEREIRA, Roberto e SOTER, Silvia (orgs). Lições de Dança 2. Rio de Janeiro: UniverCidade Editora, 2000.

VIANA, Anamaria. Olhos meus. Pitágoras 500, Campinas, SP, v. 8, n. 2, p. 72–88, 2018.

Entrevistas / Depoimentos

MAIA, Elizabeth. Depoimento [fev.2021]. Entrevistadora: Maria Teresa Taquechel, Rio de Janeiro, via. Zoom Meet. Entrevista concedida para dissertação de mestrado PPGAC/UNIRIO.

VIANNA, Angel. Depoimento [out.2019]. Entrevistadora: Maria Teresa Taquechel, Rio de Janeiro.

VIANNA, Angel. Idança.Doc com Angel Vianna. 25 de fev. de 2012. Disponível em: <https://youtu.be/PyT4IDwe3S0>. Acesso em: 14 fev. 2021.

Hemerografias

ASSOCIAÇÃO DAS PIONEIRAS SOCIAIS. Programa de treinamento para a função de professor de dança. Centro Nacional de Recursos Humanos. Brasília, 1994.

FRANCO, Alexandre. Esculpir Mitos. Programa do espetáculo. Rio de Janeiro, 1996.

REDE SARAH DE HOSPITAIS DO APARELHO LOCOMOTOR. Movimento em Expansão, 1994. Informativo Interno. Ano I, número 8, agosto de 1994, p.3.

Vídeos

BRUCE CURTIS E ELIZABETH MAIA. Elizabeth Maia e Bruce Curtis dançam no Hospital SARAH Brasília em 1993. Vídeo da apresentação disponível em: <https://youtu.be/OAwcACYBwPk>. Acesso em: 26 de fev. 2023.

DEF-RIO 1992. Dance Performance. Apresentação com Rosângela Bernabé e Renata Carvalho disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kKPsmrBjap0>. Acesso em: 26 de fev. 2023.

ESPETÁCULO “EM CONCRETUDES PRIMÁRIAS” - Festival Funarte Acessibilidade. Segunda Edição.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IIGD6nT7E6s&t=13s>. Acesso em: 22 de mar. 2023.

ESPETÁCULO PULSAR HAPLOOS E DIPLOOS no Teatro Sérgio Porto - Rio de Janeiro (2001). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Zyu3F-sdMKc&t=1427s>. Acesso em: 21 de mar. 2023.

OLHARES ÍMPARES | vídeo-espetáculo. Pulsar Cia de Dança. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LLh7-xKWi2g>. Acesso em: 22 de mar. 2023.

PESQUISA MOVIMENTO de Elizabeth Maia e Bruce Curtis com a participação da autora (1992). Disponível em: <https://youtu.be/mSNpaaiLYmc>. Acesso em: 28 de fev. 2023.

THE STONE HOUSE DANCE, com Bruce Curtis e Beth Caetano. Fotografia/edição/direção de Gustavo Bicalho, criação de Bruce Curtis, Rio de Janeiro/Casa de Pedra, 1992. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xxcpWeXDs7Y>. Acesso em: 26 de fev. 2023.

TODO CORPO DANÇA - Elizabeth Maia. Dança como técnica para reabilitação hospitalar de pacientes neurológicos realizado por Elizabeth Maia nos Hospitais da Rede Sarah. Disponível em: <https://youtu.be/ypA2nLUlaBI>. Acesso em: 26 de fev. 2023.

Abstract

This article discusses the foundation of Pulsar Dance Company (2000) in Rio de Janeiro. The article highlights the importance of the “movement awareness” training taught in the Angel Vianna Methodology. The teaching of Contact Improvisation by Bruce Curtis, a quadriplegic dancer, and the introduction of dance in the rehabilitation process of the *Rede SARA*H Hospitals also contributed to the creation of Pulsar Dance Company.

Keywords

Dance. Non-exclusion. Unique bodies.

Recebido em: 01 mai 2023

Aceito em: 28 ago 2023

Publicado em: 19 dez 2023